

Círculo de Cultura Teatral - TEP

PORTO

PORTUGAL



PEÇA

— «O FIO»

AUTOR

— *Prista Monteiro*

ENCENADOR

— *Eduardo Freitas*

ACTORES

— *Cila Neves*

— *João Enes*

— *Fernanda Gonçalves*

— *Emília Silvestre*

— *Jorge Pinto*

— *Mário Sancho*

FICHA TÉCNICA:

Cenografia

— *Arnaldo Moreira*

Sonoplastia

— *Fernando Rangel*

Luminotecnia

— *Fernando Teixeira*

Operador de Luz

— *Rogério Silva*

Guarda-roupa

— *Aurora Nazareth*

Carpinteiro de Cena

— *José Ginja*

Assistente de Palco

— *Vidal Valente*

Secretário da Companhia — *José Mário Brandão*

Espectáculo n.º 132, estreado no FITEI / PORTO-81
e representado pela Companhia de Teatro Experimental do Porto (TEP).

Sobre «O FIO»

Deolindo Pessoa, no n.º 2 da revista Teatruniversitário, de Janeiro de 1981, escreveu:

«Este novo texto dramático de Prista Monteiro foi lido de uma só vez, numa ânsia que só se satisfaz com a leitura da palavra fim, para de imediato se transformar num desejo de encenação urgente.

Talvez o facto de pertencer a uma das gerações flageladas pela guerra colonial, ou por não me ter ainda esquecido dela nem das suas sequelas que continuam evidentes, apesar de haver quem as pretenda escamotear e lançar no rol do esquecimento, tenha determinado este sentimento.

Nesta altura já passou o tempo mais do que suficiente desde a sua edição (Junho-1980) para que não possa deixar de ficar estupefacto por nenhuma companhia ou grupo ter ainda anunciado a sua montagem.

Quando se proclama que os dramaturgos portugueses escasseiam ou não produzem, este texto dramático tem que urgentemente se transformar num espectáculo de teatro, onde a verdade cruel não exclua a poesia, capaz de gerar um novo tipo de relações a vários níveis.

Nesta peça uma família pequeno-burguesa, com personagens bem caracterizados e construídos, que se rege pelas leis e moral vigentes, não aguenta o quebrar da rotina, o estilhaçar da paz podre em que vive, incapaz de avançar para a mudança e a necessária transformação. Não se pode permanecer indiferente às transformações da realidade que nos rodeia, pois nem tudo está certo e é abençoado pela mão de Deus, como há quem queira crer para melhor assegurar os seus privilégios.

Por tudo o que ficou dito, este texto dramático de Prista Monteiro não se pode circunscrever às páginas de um livro, há que o transpor para o palco, fazer dele um espectáculo de teatro com uma densidade dramática e uma força superiores...».

Por sua vez Bernardo Santareno havia escrito sobre esta peça:

«... Se o leitor conseguir ler «O FIO» sem preconceitos, com olhos virgens, sem previamente a arrumar na gaveta do absurdo cheia com os habituais ingredientes do transcendentalismo, reaccionarismo e formalismo, descobrirá um texto rico, profundamente revelador da sociedade portuguesa a que se refere, progressista e crítico, apelando para a justiça social e para um novo tipo de relações inter-subjectivas e familiares, apontando vigorosamente para a mudança e transformação...».

E mais adiante acrescenta Santareno:

«... Parece-me escandaloso e testemunhador da real marginalização dos dramaturgos em Portugal que «O FIO» (que é de 77-78) não tenha sido ainda representado, tanto mais que se trata de uma bela obra, com personagens bem desenhados e bem evoluídos e uma construção impecável. Isto numa época em que se adaptam (mal, em geral) ao teatro romances e poemas porque, segundo dizem repetidamente, não há dramaturgos portugueses e os que há não produzem nada de significativo...

Isto numa época em que toda a direita e alguma esquerda levantam espectáculos grosseiramente demagógicos (embora de sinal contrário) que mais não são do que formas impuras e abastardas de comício que, ao cabo e ao resto, não atingem os objectivos deste e muito menos os duma representação teatral. Esta terá sempre de ser um acto lúdico, mas sensível e inteligente revelador e interveniente a um nível mais profundo do que o do slogan, uma linha atirada subtilmente aos peixes conscientes e inconscientes do espectador.

«O FIO» de Prista Monteiro ilustra perfeitamente esta definição. Ela mostra-nos como um tudo-nada, um fio cortado ou uma chávina partida chegam para agitar violentamente e subverter até às raízes o falso equilíbrio (assente em leis, códigos e moral vigentes) duma boa e terna família pequeno-burguesa.»

O que está em causa pois não é o efeito que o desabar desse falso equilíbrio provoca, mas sim as leis os códigos e a moral vigentes, que por tão frágeis não aguentam uma abanadela, mesmo insignificante que ela possa parecer. E aqui apetece-me transcrever aquilo que Carlos Wallenstein escreveu em Abril de 1980, a propósito desta peça. «E quando pensámos ficar perante a precariedade risível dum mundo de significantes/insignificantes do tipo paciência chinesa, eis-nos diante da plenitude trágica de uma derrocada (ou talvez de duas), para ocultação do sentido das coisas, para ocultação do sentido das vidas.»

Apesar da sua aparente complexidade, «O FIO», apresenta-se-nos de leitura acessível ao grande público e por isso, também, a escolhemos na esperança de que venha a constituir uma experiência positiva a analisar.

EDUARDO FREITAS